

Da capacidade de ridicularizar fracassos escolares

José Carlos de Freitas

¹ Universidade de Gurupi (URNIG), Gurupi, TO, Brasil.

Resumo: Este artigo reflete sobre o uso lamentável dos erros de redação de alunos em provas de vestibulares das universidades brasileiras para o incremento de programas de humor, de riso e de sarcasmo, transformando alunos em objetos de humilhação. Tenta desconstruir este intento, mostrando, como o erro poderia trazer aos educadores uma outra postura mais proveitosa e respeitosa.

Palavras-chave: Provas de vestibular. Erros de redação textual. Preconceitos educacionais. Redação escolar. Defasagem escolar.

Abstract: This paper reflects on the regrettable use of students' writing errors in entrance exams at Brazilian universities to increase programs of humor, laughter and sarcasm, transforming students into objects of humiliation. It tries to deconstruct this intent, showing how the error could bring to educators another more useful and respectful posture.

Key-words: Entrance exams. Textual errors. Educational prejudices. School writing. School lag.

Como citar: FREITAS, J. C. Da capacidade de ridicularizar fracassos escolares. *Revista Científica Novas Configurações – Diálogos Plurais*, Luziânia, v. 1, n.2, p. 81-86, 2020. <https://doi.org/10.4322/2675-4177.2020.022>

1 INTRODUÇÃO

Anos atrás, assisti, num dos Programas do Jô, exibidos no meio das noites de segunda a sexta-feira, pela Rede Globo, a um professor que coleciona absurdos de vestibular. Não me lembro de que forma lhe era possibilitado o acesso aos textos dos candidatos, mas sei que esse material, na boca do apresentador – cuja função, mais que refletir, consiste em entreter – surtiu o efeito desejado. Toda a plateia, composta em sua maioria de estudantes universitários, se divertiu. Eu chegava em casa depois de uma jornada estafante de sala-de-aula. Trabalhava os três períodos: matutino, vespertino e noturno. O meu público, diferentemente do de Jô, compunha-se de crianças, adolescentes, jovens e, no caso da EJA (Educação de Jovens e Adultos), senhores e senhoras, pais e mães de família. Costumava ligar a televisão neste horário para suavizar as ideias até ser vencido pelo sono. Mas, aquela noite se transformou num marco. Eu percebi que aquele humor estrepitoso me colocava no rosto um nariz de palhaço. Ao zombar daqueles alunos, o programa me chamava a mim também de incompetente. E a coisa perdeu a graça.

E passei a lamentar o papel ridículo que o tal professor cumpria no programa, sem se dar conta de que ali não era realmente o lugar ideal para se tratar de coisa tão séria: a defasagem dos alunos de Educação Básica em poder expressar por escrito seus raciocínios. Nestes dois últimos anos, tenho recebido, via internet, listas destes mesmos absurdos, todos prestáveis ao riso, o que demonstra que o quadro não melhorou. Estas correspondências me levam à produção deste texto, no propósito de verificar se as atitudes de demérito são de fato coerentes com uma leitura exata do objeto.

Apoio financeiro: Nenhum.

Conflitos de interesses: Os autores declaram não haver nenhum conflito de interesse.

Correspondência: freitasjosecarlosde@gmail.com

Recebido: 06 Jul 2020.

Aprovado: 28 Jul 2020.

Editor: Marcelo Máximo Purificação.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



2 APRENDER COM OS ERROS

Não quero referendar a insuficiência como coisa bastante, mas lançar a desconfiança sobre os discursos que sempre estão pretendendo mostrar-se como autoridades, tripudiando sobre os que erram. Não me lembro em que obra e texto de Sírio Possenti – e peço perdão pela imprecisão – constava a seguinte situação: confessava o autor que via pela televisão o mesmo apresentador, em entrevista com Pasquale Cipro Neto, criticando o baixo nível de conhecimento de língua portuguesa das pessoas em geral, quando, nas palavras que usavam para construir a crítica, os mesmos cometiam erros. Sírio dizia que essa era uma tática importante para a gente se convencer de que portamos, em relação à variante popular, um certo preconceito. Em outras palavras, o professor queria chamar a atenção para a hipocrisia impercebida nos atos de crítica. Não estou pedindo adesão para tal coisa, mas sei que, desde que fiz esta leitura, tenho prestado atenção às vozes que depreciam, no sentido de flagrá-las em erro. É batata: dificilmente alguém se isenta.

Ora, essa constatação deveria relativizar a intolerância com a “incultura” dos outros, não no sentido da concórdia e cruzamento de braços, servindo isto de desculpa para a demissão de melhorar o que ainda não é ideal, mas no intuito de fazer do “erro” uma oportunidade educativa. E, para que não me censurem de cegueira, gostaria de apontar alguém que chamo de “filósofo vigoroso”, alguém que não teve receio de mostrar que nossos projetos de verdade não passavam de “vontade de verdade” e denunciou a metafísica moderna como uma construção linguística, como discurso. Este filósofo é Friedrich Nietzsche. Em Para além do bem e do mal, encontramos as seguintes palavras:

Nós questionamos o valor dessa vontade. Certo, queremos a verdade: mas por que não, de preferência, a inverdade? Ou a incerteza? Ou mesmo a insciência? – O problema do valor da verdade apresentou-se à nossa frente – ou fomos nós a nos apresentar diante dele? [...] Depois de por muito tempo ler nos gestos e nas entrelinhas dos filósofos, disse a mim mesmo: a maior parte do pensamento consciente deve ser incluída entre as atividades instintivas, até mesmo o pensamento filosófico [...] o pensamento consciente de um filósofo é secretamente guiado e colocado em certas trilhas pelos seus instintos. (2004, p9-11).

Linhas mais à frente, Nietzsche acrescenta: “Como podem ser maldosos os filósofos!”. E se vale da crítica de Epicuro ao platonismo: “[...] são todos atores, nada neles é autêntico” (2004, 14). Entre outras coisas que se abalam com tais palavras estão o sujeito moderno e o projeto definido de que a razão constitui por si só uma teleologia. Abala-se também a noção de um exclusivo civilizatório que consiste em propor um determinado estágio de cultura como ideal, sem questionar os interesses inconfessáveis que o promovem. Penso ser justamente isso o que se passa quando algumas pessoas, que tiveram mais oportunidades na vida, não conseguem tirar outras lições dos infortúnios dos outros, senão o sarcasmo. Independentemente disso, penso que, no propósito do esculacho e do riso, algumas verdades deixam de ser entendidas.

3 PRIMEIRO CASO

Vejamos, como exemplo, a seguinte construção de um aluno: “O nervo ótico transmite ideias luminosas ao cérebro”. O professor comenta-a com desdém: “Se o cara é obtuso, o nervo dele deve transmitir ideias sombreadas, não é mesmo?”. A visão deste professor, sem dúvida, é reducionista, mais do que a resposta do aluno. Se, antes de observar o que observou, tivesse lembrado do pré-socrático Demócrito, saberia que este filósofo acreditava que os pensamentos eram possíveis por uma espécie de osmose. Para ele, a imagem dos objetos eram átomos desprendidos – portanto, matéria – em direção ao cérebro onde, finalmente, encontravam hospitalidade e repouso. De igual forma, os estudos sobre a virtualidade tecnológica atual têm, no mínimo, feito pensar sobre a plausibilidade de postulados como o do aluno. Há ainda um elemento que, embora lamente, merece ser mencionado. Um dos livros mais vendidos atualmente é O segredo de Rhonda Byrne, um manual de autoajuda, cujo fio principal é a proposição da força de atração como o elemento que preside o sucesso das pessoas em toda a história da humanidade. Em determinadas exemplificações, o autor chega a prescrever que se desenhe uma bicicleta num papel a ser fixado num ponto do quarto, com a finalidade de que os olhos da pessoa que, de antemão deseja o produto, possam mirá-lo com frequência. Isso, diz o autor, é suficiente para fazer com que a bicicleta se materialize. O mesmo valeria para um cheque no valor da cobertura de todas as dívidas de alguém. Também do emprego que se quer e do status social que se espera. Eu não concordo com



Demócrito, não concordo com Byrne e menos ainda com o aluno. O que chamo a atenção é que talvez a besteira do aluno não seja pior do que estas pessoas consagradas por seu público. Demócrito, por exemplo, mereceu da Ciência menção honrosa quando lhe tomam de empréstimo o nome para a micropartícula da matéria que a Física Quântica explorou

4 SEGUNDO CASO

Outro exemplo é este: “O terremoto é um pequeno movimento de terras não cultivadas” que mereceu este troco por parte do professor: “Só faltou completar que esse movimento é um braço armado do MST”. É lamentável a intolerância deste professor que, com certeza, não o faz sem ser remunerado. Primeiro, porque não há erro algum na afirmação do aluno. Depois de Einstein, todos nós sabemos que, entre observador e objeto observado, ou seja, entre terremoto e o aluno que fala dele, há o ponto de vista. Diante disso, a opinião do aluno e a do professor que o insulta estão de mesmo tamanho. Seguindo a lógica do ponto de vista, se consideramos o movimento de placas tectônicas do ponto de vista do Planeta, é lógico que o movimento é ínfimo como também é lógico que se dá em terras não cultiváveis, porque internas. A coisa piora mais porque é patente que a opinião do aluno é motivada justamente pela preocupação que tem a Geologia de produzir explicações dos fenômenos naturais fundadas na causalidade científica. Foi o acesso a estas informações que levou o aluno a achar que estava definindo melhor o fenômeno, produzindo uma aparente besteira. Agora, é pena que o aluno não tenha acrescentado o que o professor sugeriu e pena maior ainda isso não ser empiricamente verificável.

4 TERCEIRO CASO

Um outro exemplo me chama a atenção pela profundidade: “O problema principal do terceiro mundo é a superabundância de necessidades”. Esta frase é espetacular. Mas não foi o que o professor que corrigiu a redação achou, inclusive, abusando de sua posição privilegiada de juiz: “O animal que escreveu isso deve ter raciocinado com a própria abundância e não com o cérebro”. Será que o professor já leu sobre o Estoicismo ou o Cinismo, tão presentes na cultura ocidental cristã? Ou mesmo sobre o Budismo, cuja sabedoria referenda um pouco da visão estoica? Os filósofos da *stoá* pregavam que o problema fundamental do homem eram as suas necessidades, ou melhor, a identificação errônea de suas necessidades. Estas, por sua vez, eram expressas pelos desejos de cada um. Como a satisfação completa desses desejos é um programa irrealizável, as pessoas teriam nisso uma infelicidade doentia. Assim, chegam estes sábios à seguinte conclusão: é preciso bloquear os desejos, eliminá-los. Não sendo possível fazer isso também a contento, esforçar-se pela preferência da vida simples, humilde, contentar-se com as pequenas dádivas. Como não dar razão a este aluno? Mais ainda quando é de senso comum o fato de que a publicidade midiática, acolitando a indústria do consumo, se atarefa literalmente com a criação de necessidades. A indústria promete sonhos, incita ao consumo, empurra supérfluos e, de certa forma, situa os indivíduos de acordo com esta fruição. Como não ser verdadeiro que o problema do Terceiro Mundo – e do Primeiro! – seja também o excesso de necessidades? Sobretudo quando este excesso reside muito mais no Primeiro que no Terceiro.

5 RELIGIÃO

Exemplos interessantes são estes, ligados de certa forma à Religião e à Igreja: 1) “A Igreja, ultimamente, vem perdendo muita clientela.” 2) “A fé é uma graça através da qual podemos ver o que não vemos.” 3) “O Ateísmo é uma religião anônima”. 4) “O Batismo é uma espécie de detergente do pecado original.” 5) “Antes de ser criada a Justiça, todo mundo era injusto”. Ao primeiro exemplo, o professor comenta: “Posso concluir que o problema é do Papa, que seria o Vice-Presidente de Marketing. E a Companhia de Jesus, dos Jesuítas, seria a mais antiga das S.As”. Infelizmente, o professor não chegou à dimensão da verdade deste aluno. A busca por fiéis, não só na Igreja Católica, mas também na maioria das demais, tem sido verdadeiras cruzadas por clientes. Mas, ficando no mérito apenas da Católica, que parece ser a visada nas questões, como interpretar o volume de viagens de João Paulo II, senão o fortalecimento também em número de fiéis (e, neste caso, clientes)? Em abril de 2008, o Papa Bento XVI



vaijou aos Estados Unidos. Qual a preocupação principal do Vaticano na época? A desistência de fiéis ante a prática de pedofilia de alguns padres. O Papa incluiu em sua agenda o encontro com as vítimas, para rezar com elas, talvez pedir perdão. Entre todos os motivos e doutrinas que presidem o ato, sem dúvida, está também o de recuperar o prejuízo da evasão de fiéis.

O segundo exemplo - “A fé é uma graça através da qual podemos ver o que não vemos” – consiste na melhor definição de fé que já vi, porque faz menção a outra forma de conhecimento que não é o da Ciência. Desde de Descartes, o critério de desvelamento dos gregos foi suplantado pela ideia de certeza. A evidência científica, historicamente, foi oposta à visão da fé. O que a fé vê, a Ciência não pode ver. Somente na contemporaneidade, com a crise de paradigma da cientificidade, a Fé é reconduzida para o ambiente universitário. Há um consenso no meio da Ciência de que tal ceticismo não foi de muita vantagem: perdeu-se tempo de estudar coisas importantes do universo humano. Assim, penso que, na frase do aluno, há sim um dizer muito significativo. A fé é uma graça sim. Para muitos é até oportunidade de vida. Para outros é privilégio. A velha teologia prega que a fé é, antes de mais nada, dom. De outro lado, ganha mais razão quando a define como visão do que não pode ser evidente. A fé, em sua essência, é um olho a mais. É um atravessar de aparências. Não é à toa que o platonismo respaldou por muito tempo a teologia cristã. E se o professor ridiculariza o aluno por conta do paradoxo que ele construiu, como ele leria este outro, proveniente, não de uma criatura que concorre com milhares de outras por um quinhão de luz, mas de uma cultura respeitada como a chinesa: “O lugar mais sombrio é sempre debaixo da lâmpada.”?

O terceiro exemplo coloca o ateísmo numa visão interessante: “é uma religião anônima”. Não quero nem mencionar o caso de certos políticos, intelectualmente ateus, mas muito furtivos quando se trata de conquistar votos num país católico como o Brasil. Vou me valer da poesia. A de Mário Quintana, por exemplo. Observe-se este aforisma : “Confesso que até hoje só conheci dois sinônimos perfeitos: ‘nunca’ e ‘sempre’” que se acompanha deste outro: “O estilo é uma dificuldade de expressão”(2003, p.72). Para quem acha que alimento não é só para estômagos, o poeta escreve que “A verdadeira couve-flor é a hortêncina” (2003, p.65). E em Da teologia, diz que “A teologia é o caminho mais longo para se chegar a Deus”. Em Parêntesis, escreve “(Em meio ao turbilhão do mundo / O poeta reza sem fé)” (2006, p.517). Há muitos poemas epigramáticos de Quintana jogando com a falta de fé e a crença em Deus. Todos eles sugerem uma acolhida proveitosa da frase do aluno. Se o aluno acima fosse um Quintana aos 16 ou 17 anos, seria ridicularizado? A bem da verdade, Quintana nunca prestou vestibular nem fez faculdade alguma.

6 O SABÃO DE FREUD

Singular também é a noção de purificação do quarto exemplo: “O Batismo é uma espécie de detergente do pecado original. ” Toda dona-de-casa sabe que os detergentes são a maior eficácia contra a gordura que pespega nas vasilhas. A comparação do aluno é perfeita e original. A ela, o professor responde, ironicamente, com estas palavras: “Já a Confissão seria o sabonete, para uso diário...”. Até o professor, sem o desejar, acertou de cheio a questão. A essência daqueles dois sacramentos é exatamente a purificação. E não é somente no âmbito religioso que o sabão se torna um paradigma. Observem-se estas falas de Freud: “Na verdade, não nos surpreende a ideia de estabelecer o emprego do sabão como um padrão real de civilização. Isso é igualmente verdadeiro quanto à ordem. Assim como a limpeza, ela só se aplica às obras do homem. ” (1992, 685). O próprio processo civilizatório pode ser representado como detergente.

7 A LEI PARA SER POSSÍVEL A NOÇÃO DE JUSTIÇA

Quando o aluno escreve que “antes de ser criada a Justiça, todo mundo era injusto” também não está de todo errado. Se o contexto for lido com Émile Durkheim, estará com certeza errado. Se o aluno ouviu, pelo menos de relance, alguma teoria sobre Hobbes, não poderia estar mais ajustado a um pensamento que institucionalizou, na modernidade, a tirania dos reis, porque cria piamente que sem Lei não há Justiça. Segundo o filósofo, o homem agressivo e competitivo não é habilitado a cultivar a Justiça senão por intermédio da Lei. O aluno estará corretíssimo ainda, se sua intenção for também o contexto religioso. Trata-se de toda a programática da Redenção cristã, fundada na justificação da humanidade



injusta, na reparação. Mas parece que o professor professa a “religião anônima” a que o aluno se refere ou não conhece bem a dogmática da religião a que pertence.

8 CARTOGRAFIA ANATÔMICA

Escreve ainda o aluno, sobre a cartografia chilena, que “O Chile é um país alto e magro”. O professor retruca dizendo que o aluno confunde o mapa com Marco Maciel, na época vice-presidente do Brasil. Ora, desde pequenos, somos confrontados com as visões relacionadas de Cartografia com Anatomia. A Península Itálica não foi sempre uma bota, um pé? A Grécia não foi sempre uma mão? O Brasil não foi muitas vezes forjado como um coração? A Somália não imita o número 1? A Península Arábica não sugere um machado? E a Escandinávia, um cão perdigueiro? Não se fala de chifre da África? Então?

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

E quando o vestibulando escreve que “os hermafroditas nascem unidos pelo corpo”, não valeria a pena dar uma lembrada do Banquete ou Simpósio de Platão, onde o Andrógino original assim se entifica? E quando escreve que a “prosopopeia é o começo de uma epopeia”, que há de estranho nisso, se prosopopeia é personificação de seres inanimados e epopeia é saga de uma personagem? O início de uma epopeia não é auferimento de uma personalidade?

Para encerrar, ainda mais uma frase: “Lenda é toda narração em prosa de um tema confuso”. E o professor: “Entendeu, né? Todo discurso de político é uma Lenda”. Desconfiasse um pouco o professor, saberia que até ele acertou o alvo. Toda lenda é fabulação. Barthes, para quem o discurso é mito, referenda essa ideia. E todo discurso político ou de político é lendário, fabulístico. Não fosse, não haveria o marqueteiro político. De outra forma, considerando respeitosamente o universo do mito, é certo que se trata de “tema confuso”. Os mitos tentam relatar “origens”. Qual cientista conseguiu, com seus esquemas de causalidade, um discurso mais convincente sobre a origem, por exemplo, do universo? Ou da vida?

Estamos longe de um ideal de educação. Nunca se falou tanto de leitura na escola, a meu ver, o único remédio eficaz para problemas de coesão e coerência textuais. Mas inventaram o ensino noturno, forma compensatória mínima de formar pessoas que deveriam dispor do dia inteiro para o estudo. Do que conheço do ensino noturno, posso afirmar que a maior parte das leituras fundamentais sempre fica adiada. Como querer melhorar a situação? O riso simplesmente não cabe, cabe o choro. E, no que toca ao ensino público diurno, o drama da superlotação. Leituras dirigidas, correções personalizadas, reescrituras de texto, tudo o que é preciso para a melhora, fica comprometido.

Nossa época é drástica. Já sabemos de que grandezas consistem nossas conquistas. Temos muitos testamentos para começar a deposição de nossa presunção. Rir dos erros alheios, sobretudo dos que não acarretam tanta consequência como os erros de autoridades doutoradas, significa que nos colocamos acima e nos achamos a salvo dos homens comuns. É tempo de revisar tais posturas na educação. Não defendo jamais que as coisas são ideais. Não defendo que absurdos não existam em redações vestibulares. Mas apenas que o caminho do conserto não seja a execração. E cito novamente Mario Quintana que, para pensarmos nesta racionalidade que julga, diz “Só a poesia possui as coisas vivas. O resto é necrópsia” (2003, 102). Para me solidarizar com a verdade profunda desta constatação de um vestibulando: “As múmias tinham um profundo conhecimento de Anatomia”. O conhecimento, na mais empírica acepção do termo.

Este texto foi composto no início da primeira década deste século. Cerca de dez anos depois, o costume de veicular tais erros de alunos como “pérolas de vestibulares” continua. Agora, professor universitário que me tornei, recebo tais pérolas de um outro professor universitário. Desta vez, resolvi redarguir em forma de poema, com o qual concluo aqui:

PÉROLAS QUE DEITAIS AOS POUÇOS

Um aluno escreveu na prova do ENEM:
"As aves tem na boca um dente chamado bico".

O professor que o corrigiu disse: "Cruz credo!"
Manoel de Barros teria adorado.
Pois dizia que "O que é bom para o lixo é bom para a poesia."



E escreveu também que "A gente é cria de frases!"
E ainda "Quem não ouve conselho, conselho ouve ele."

Que diria esse professor se Manoel, provando no ENEM,
escrevesse: "Grilo faz a noite menor para ele caber."?
Tiraria dele o sarro, plagiando sua frase: "Há certas frases que se iluminam pelo opaco."?

Outro aluno escreveu:
"Os pagãos não gostavam quando Deus pregava suas doutrinas e tiveram a idéia de eliminá-lo da face do
céu".
Qual crente já não sonhou poder fazer isso?

Outro ainda: "Os egípcios desenvolveram a arte das múmias para os mortos poderem viver mais".
E Manoel: "O córrego ficava à beira
de um menino..."

A diferença entre o aluno e o poeta
é que o poeta se sabe poeta
e o aluno não.

Mas não diferem no que toca ao professor
— que o poeta teve e o aluno ainda tem —
porque não corrigiu o poeta e não corrigirá o aluno.

(In: Pequeno Tratado de Ateologia - Poemas. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2018, p.18-19)

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

QUINTANA, Mario. Caderno H. Porto Alegre: Globo, 2003.

_____. Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

FREITAS, José Carlos de. Pequeno Tratado de Ateologia – Poemas. São Paulo: Biblioteca 24 Horas, 2018.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. In: Obras Escolhidas. (org). Peter Gay. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Informações sobre os autores:

JCF: Professor de Filosofia da Universidade de Gurupi – UnirG – Gurupi-TO, doutorando em Letras – Ensino de Língua e Literatura na Universidade Federal do Tocantins – UFT – Araguaína-TO, Mestre em Letras – Literatura Brasileira e Teorias da Literatura pela Universidade Federal Fluminense – UFF – Niterói-RJ, Graduado em Filosofia pela Universidade do Oeste do Paraná – Unioeste – Toledo-PR. E-mail: freitasjosecarlosde@gmail.com

Contribuição dos autores: JCF: conceitualização, captação de recursos, supervisão, redação.